

Alicerces da Saúde Pública no Brasil 2

Daniela Gaspardo Folquitto
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Daniela Gaspardo Folquitto
(Organizadora)

Alicerces da Saúde Pública no Brasil

2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A398 Alicercers da saúde pública no Brasil 2 / Organizadora Daniela Gaspardo Folquitto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Alicercers da Saúde Pública no Brasil; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-19-2
DOI 10.22533/at.ed.192182708

1. Saúde pública – Brasil. I. Folquitto, Daniela Gaspardo. II. Série.
CDD 362.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Saúde é definida pela Organização Mundial da Saúde como “situação de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de enfermidade”. A Saúde Pública compreende um conjunto de medidas executadas pelo Estado para garantir o bem-estar físico, mental e social da população.

Neste contexto a busca pelo conhecimento nas diversas áreas da saúde como fisioterapia, psicologia, farmácia, enfermagem, nutrição, odontologia, meio ambiente são de grande importância para atingir o bem-estar físico, mental e social da população.

A Coletânea “Alicerces das Saúde Pública no Brasil” é um *e-book* composto por 44 artigos científicos que abordam assuntos atuais, como atenção básica, saúde mental, saúde do idoso, saúde bucal, saúde ambiental, cuidados com crianças e neonatos, atividade física, restabelecimento da movimento e capacidade funcional, nutrição, epidemiologia, cuidados de enfermagem, pesquisas com medicamentos entre outros.

Diante da importância, necessidade de atualização e de acesso a informações de qualidade, os artigos escolhidos neste *e-book* contribuirão de forma efetiva para disseminação do conhecimento a respeito das diversas áreas da Saúde Pública, proporcionando uma ampla visão sobre esta área de conhecimento.

Tenham todos uma ótima leitura!

Prof. MSc. Daniela Gaspardo Folquitto

SUMÁRIO

EIXO I - SAÚDE DO IDOSO

CAPÍTULO 1 1

ANÁLISE DA VARIÁVEL DEPENDENTE ASSOCIADA AO DIAGNOSTICADO POR DIABETES EM PACIENTES IDOSOS ENTREVISTADOS PELA PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE – PNS (2013) NO RIO GRANDE DO NORTE: UM ESTUDO QUANTITATIVO

Wenderly Pinto Córdula Dionísio de Andrade
Pedro Gilson da Silva
José Vilton Costa

CAPÍTULO 2 13

MANEJO DA HEMORRAGIA DIGESTIVA ALTA EM IDOSO HOSPITALIZADO: UM RELATO DE CASO CLÍNICO

Ionara Raquel Alves Carvalho de Sousa
Eane Jucele Linhares Moraes da Silva
Rebeca de Souza Nogueira
Larissa Melo do Nascimento
Marylane Viana Veloso

CAPÍTULO 3 21

ATENÇÃO À SAÚDE DO IDOSO NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA: ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão
Marina Lobo Matias
Fernando Rodrigo Correia Garcia
Polyana Sousa dos Santos
Maxwell do Nascimento Silva
Wannessa Rhégia Viégas Cunha Duailibe

EIXO II - SAÚDE COLETIVA E EPIDEMIOLOGIA

CAPÍTULO 4 32

COBERTURA VACINAL DO HPV QUADRIVALENTE D1 E D2 NA REGIÃO NORDESTE NO PERÍODO DE 2012 A 2017

Naya Thays Tavares de Santana
Mara Monize Pinheiro Mendes
Terciane Maria Soares
Maysa Aguida Lima Silva
Bruna Furtado Sena de Queiroz
Taciany Alves Batista Lemos

CAPÍTULO 5 39

DENSIDADE DEMOGRÁFICA COMO DETERMINANTE EPIDÊMICO: O CASO DA DENGUE NO ESTADO DE GOIÁS DE 2000 A 2012

Gabriela Bassani Fahl
Juliana Ramalho Barros

CAPÍTULO 6 54

DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO VACINAL DE TRABALHADORES DE EMPRESA PRESTADORA DE SERVIÇO EM DOURADOS/MS

Christiane Benites Pontes
Cassia Barbosa Reis
Arino Sales do Amaral

CAPÍTULO 7	62
DIFUSÃO DA DENGUE NO AMAZONAS	
<i>Renato Ferreira de Souza</i>	
CAPÍTULO 8	71
ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E AS POLÍTICAS SOCIAIS NO BRASIL	
<i>Tony José de Souza</i>	
<i>Juliana Fernandes Cabral</i>	
<i>Adila de Queiroz Neves</i>	
<i>José Olímpio dos Santos</i>	
CAPÍTULO 9	84
GEOGRAFIA E MEDICINA: PERSPECTIVAS DE INTERDISCIPLINARIDADES NA SAÚDE COLETIVA	
<i>Larissa Cristina Cardoso dos Anjos</i>	
<i>Adorea Rebello da Cunha Albuquerque</i>	
<i>Antonio de Padua Quirino Ramalho</i>	
<i>Rafael Esdras Brito Garganta da Silva</i>	
CAPÍTULO 10	101
PLANEJAMENTO EDUCATIVO EM SAÚDE COLETIVA: FUNDAMENTADO NO MÉTODO DIALÉTICO DE PAULO FREIRE	
<i>Andréa Kedima Diniz Cavalcanti Tenório</i>	
<i>Ladjane do Carmo de Albuquerque Araújo</i>	
CAPÍTULO 11	108
SAÚDE INDÍGENA E A INTERFACE COM AS POLÍTICAS DE ENFRENTAMENTO DA TUBERCULOSE	
<i>Tony José de Souza</i>	
<i>Marina Atanaka</i>	
<i>José Olímpio dos Santos</i>	
CAPÍTULO 12	118
SATISFAÇÃO DOS USUÁRIOS COM O ATENDIMENTO PRESTADO AO PORTADOR DE HIPERTENSÃO NAS UNIDADES DE SAÚDE DA FAMÍLIA EM UM MUNICÍPIO DO AGRESTE PERNAMBUCANO	
<i>Rosalva Raimundo da Silva</i>	
<i>Wanessa da Silva Gomes</i>	
CAPÍTULO 13	132
SPATIAL DISTRIBUTION OF THE LUTZOMYIA (NYSSOMYIA) WHITMANI (DIPTERA: PSYCHODIDAE: PHLEBOTOMINAE) AND AMERICAN CUTANEOUS LEISHMANIASIS (ACL), IN VIEW OF ENVIRONMENTAL CHANGES IN THE STATES OF THE LEGAL AMAZON, BRAZIL	
<i>Simone Miranda da Costa</i>	
<i>Mônica Avelar Figueiredo Mafra Magalhães</i>	
<i>Elizabeth Ferreira Rangel</i>	
CAPÍTULO 14	146
ANTICOAGULAÇÃO ORAL E FIBRILAÇÃO ATRIAL: COMPLICAÇÕES RELACIONADAS À TERAPIA E O IMPACTO PARA A SAÚDE	
<i>Ariana Rodrigues da Silva Carvalho</i>	
<i>Alcirley de Almeida Luiz</i>	
<i>Gabriella França Pogorzelski</i>	
<i>Reginaldo dos Santos Passoni</i>	
<i>Letícia Katiane Martins</i>	
<i>Tomás Machado Lacerda</i>	

EIXO III - SAÚDE BUCAL

CAPÍTULO 15..... **159**

DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE MEDIASTINITE DESCENDENTE NECROSANTE POR INFECÇÃO ODONTOGÊNICA: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PAÍSES DE PREVALÊNCIA DIVERGENTES

Josfran da Silva Ferreira Filho
Caio Furlan Monteiro Moura
Adjair Jairo de Souza
Breno Souza Benevides
Mariana Canuto Melo de Souza Lopes
Mário Igor Pessoa Serpa Damasceno
Isadora Cristina Rameiro da Silva
Sormani Bento Fernandes de Queiroz
Fabrcio Bitu Sousa

EIXO IV - PESQUISA

CAPÍTULO 16..... **168**

GABAPENTINA REVERTE PARÂMETROS INFLAMATÓRIOS NA COLITE INDUZIDA POR ÁCIDO ACÉTICO EM CAMUNDONGOS

José Victor do Nascimento Lima
Cynthia Maria Carvalho Pereira
Diva de Aguiar Magalhães
Stefany Guimarães Sousa
Tarcisio Vieira de Brito
Jalles Arruda Batista
André Luiz dos Reis Barbosa

CAPÍTULO 17..... **180**

ISOPULEGOL APRESENTA AÇÃO ANTI-INFLAMATÓRIA EM ROEDORES

Deyna Francélica Andrade Próspero
Itamara Campelo dos Santos Miranda
Camila Leyelle Sousa Neves Rocha
Everton Moraes Lopes
Rômulo Barros dos Santos
Adriana Cunha Souza
Antônio Carlos dos Reis Filho
Aline Raquel de Sousa Ibiapina
Douglas Soares da Costa
Daniele Martins de Sousa Oliveira
Fernanda Regina de Castro Almeida

CAPÍTULO 18..... **192**

TOLERÂNCIA E ACEITAÇÃO DA PREPARAÇÃO ALCOÓLICA PARA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Mayara Aparecida Passaura da Luz
Debora Cristina Ignácio Alves
Raíssa Ottes Vasconcelos
Maria Aparecida Andriolo Richetti

EIXO V – PSICOLOGIA

CAPÍTULO 19..... **200**

GESTALT-TERAPIA E OBSTETRÍCIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Maysa Milena e Silva Almeida

*Jadir Machado Lessa
Bianca Galván Tokuo*

EIXO VI - NUTRIÇÃO ESPORTIVA

CAPÍTULO 20 218

ANÁLISE DE SÓDIO EM SUPLEMENTOS ALIMENTARES ISOLADO E COMBINADOS EM RELAÇÃO AO PERMITIDO PELA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE

*Layane dos Santos Solano
Ana Paula Gomes da Cunha
Daniele Alves de Sousa
Raimundo Nonato Cardoso Miranda Junior*

EIXO VII - DIAGNÓSTICO CLÍNICO

CAPÍTULO 21 222

CISTO ÓSSEO SIMPLES: CARACTERIZAÇÃO CLÍNICO-DIAGNÓSTICA E TERAPÊUTICA

*Bruno da Silva Gaspar
Breno Souza Benevides
Rafael Linard Avelar*

SOBRE A ORGANIZADORA 227

TOLERÂNCIA E ACEITAÇÃO DA PREPARAÇÃO ALCOÓLICA PARA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Mayara Aparecida Passaura da Luz

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Enfermeira. Pós-graduanda pelo Programa de Residência em Enfermagem na Especialidade de Gerenciamento de Enfermagem em Clínica Médica e Cirúrgica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná.

Debora Cristina Ignácio Alves

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Enfermeira. Doutora em Ciências pela EEUSP. Docente do Colegiado de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná.

Raíssa Ottes Vasconcelos

UFMS - Universidade Federal de Santa Maria. Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Maria Aparecida Andriolo Richetti

HUOP - Hospital Universitário do Oeste do Paraná. Enfermeira. Especialista em Controle de Infecção Hospitalar. Serviço de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Universitário do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná.

RESUMO:

Objetivo: avaliar a tolerância e aceitação da preparação alcoólica para higienização das mãos, por profissionais da saúde, em Unidade de Terapia Intensiva. **Método:** estudo descritivo, quantitativo, desenvolvido com 80 profissionais de saúde, no período de 21

de junho a 1 de julho de 2016, por meio de questionário para avaliação da preparação alcoólica para higienização das mãos e da questão “sua satisfação com o produto alcoólico disponibilizado na unidade interfere na adesão à higienização das mãos?”. Os dados foram organizados e armazenados em planilhas eletrônicas do *software Microsoft Office Excel*, versão 2010, submetida à análise descritiva em medidas, e proporção. **Resultados:** a avaliação da tolerância e aceitação foi positiva para as variáveis: odor, com maior pontuação de 32,5% (n=26), textura 31,25% (n=25), velocidade de secagem 27,5% (n=22) e irritação 35% (n=28); negativa para as variáveis: facilidade de uso do dispensador 27,5% (n=22) e efeito de ressecamento 36,25% (n=29). A variável mãos pegajosas após o primeiro uso apresentou opiniões divergentes, 26,25% (n=21) atribuíram insatisfação e 26,25% (n=21) satisfação. Quanto à satisfação dos participantes com o produto alcoólico disponibilizado e sua interferência na adesão à higienização das mãos, a maioria dos participantes assinalou não interferir 38,75% (n=31) ou apresentar pouca interferência 33,75% (n=27). 25% (n=20) apontou muita interferência. **Conclusão:** o nível de tolerância e aceitação da preparação alcoólica para higienização das mãos por profissionais da saúde em Unidade de Terapia Intensiva foi considerado satisfatório.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoal de Saúde; Desinfecção das mãos; Infecção Hospitalar; Unidades de Terapia Intensiva.

ABSTRACT

Objective: to evaluate the tolerance and acceptance of alcoholic preparation for hand hygiene by health professionals in the Intensive Care Unit. **Method:** a descriptive, quantitative study developed with 80 health professionals, from June 21 to July 1, 2016, through a questionnaire to evaluate the alcoholic preparation for hand hygiene and the question “their satisfaction with the alcoholic product available in the unit interferes with adherence to hand hygiene? “. Data was organized and stored in spreadsheets of Microsoft Office Excel software, version 2010, subject to descriptive analysis in measurements, and proportion. **Results:** the evaluation of tolerance and acceptance was positive for the following variables: odor, with highest score of 32.5% (n = 26), texture 31.25% (n = 25), drying rate 27.5% = 22) and irritation 35% (n = 28); negative for the variables: ease of use of the dispenser 27.5% (n = 22) and dryness effect 36.25% (n = 29). The variable sticky hands after the first use presented divergent opinions, 26.25% (n = 21) attributed dissatisfaction and 26.25% (n = 21) satisfaction. Concerning the satisfaction of the participants with the alcoholic product available and their interference in adherence to hand hygiene, the majority of participants indicated that they did not interfere with 38.75% (n = 31) or presented little interference (33.75%) (n = 27). 25% (n = 20) showed a lot of interference. **Conclusion:** the level of tolerance and acceptance of alcoholic preparation for hand sanitization by health professionals in the Intensive Care Unit was considered satisfactory.

KEYWORDS: Health Personnel; Disinfection of hands; Hospital Infection; Intensive Care Units.

1 | INTRODUÇÃO

As infecções relacionadas à assistência à saúde no âmbito hospitalar possuem impacto na morbimortalidade dos usuários internados, principalmente dos que se encontra em situações críticas de vida, apresentando-se assim, como questão preocupante nos serviços. Nesse sentido, a prática de Higienização das Mãos (HM) constitui-se como a principal medida de prevenção (CALIL, et al., 2014).

Considerada uma ação com comprovada eficácia e impacto maior na prevenção de infecções, a HM impede a transmissão de microorganismos de forma cruzada. A não adesão pelos trabalhadores da área da saúde, a esta prática é compreendida ainda como um desafio (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2008).

Atenta diante destas dificuldades, a Organização Mundial de Saúde (OMS) propôs a “Aliança Mundial para a Segurança do Paciente”, em abrangência mundial, sendo incluso o Brasil, no ano de 2007. Esta aliança possui como intuito a diminuição dos riscos intrínsecos às infecções relacionadas à assistência à saúde, tendo como pressuposto o lema “Uma Assistência Limpa é uma Assistência mais Segura”. O

primeiro desafio global delineado teve como foco a HM (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2008).

A prática de HM é recomendada em cinco momentos, sendo estes: antes de tocar o paciente, com o intuito de proteger o paciente de microrganismos externos; antes de realizar procedimento limpo/asséptico; após risco de exposição de fluidos corporais e remoção de luvas; após tocar o paciente, para proteção do profissional e do ambiente de saúde; após tocar áreas próximas ao paciente, com o objetivo de prevenir a discriminação de microrganismos para os demais ambientes. Sua realização com preparação alcoólica é recomendada como padrão-ouro pela OMS, considerada a forma mais eficaz de realização, quando não há presença de sujidades visíveis (BRASIL, 2015).

Segundo a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 42, de 25 de outubro de 2010, é obrigatoriedade dos serviços de saúde disponibilizar preparação alcoólica para a HM. Atualmente, a estratégia multimodal da OMS para a melhoria da HM, orienta que nestes cenários ela seja disponibilizada em pontos estratégicos de assistência, próximo a fornecimento seguro de água, sabonete líquido e papel toalha, assim como, em centros de formação e educação. Todos os pontos devem ser identificados e retroalimentados (BRASIL, 2015).

Estudos já realizados apontam baixa adesão à prática pelos profissionais de saúde (BATHKE, et al., 2013; VASCONCELOS, et al., 2018). Em um deles, quando comparada à HM com água e sabonete líquido, a HM com solução alcoólica foi menos frequente nas oportunidades em que a prática foi realizada (BATHKE, et al., 2013).

Dentre as estratégias empregadas pelos serviços de saúde, faz-se preciso incluir a avaliação pelos próprios executores da assistência, acerca da qualidade dos recursos materiais disponíveis para a execução da prática de HM, tendo em vista a influência destes na adesão (GARCIA, et al., 2013).

Acredita-se que ter conhecimento da aceitabilidade e da tolerabilidade da preparação alcoólica para a HM é relevante, tendo em vista sua influência para o uso prolongado, e implementação desta prática com êxito nos cenários da assistência à saúde (PARANÁ, 2013).

Assim sendo, questionou-se: Qual a tolerância e aceitação da preparação alcoólica para higienização das mãos por profissionais da saúde em Unidade de Terapia Intensiva? De modo a responder a pergunta, este estudo teve como objetivo avaliar a tolerância e aceitação da preparação alcoólica para higienização das mãos por profissionais da saúde em Unidade de Terapia Intensiva.

2 | MÉTODO

A proposta deste estudo foi baseada no Projeto Mãos Limpas: Paciente Seguro. O Projeto consiste na implantação da estratégia multimodal da OMS para a melhoria da HM adaptada para o estado do Paraná, tendo como público alvo todos os serviços

hospitalares, independentemente do número de leitos ou complexidade (PARANÁ, 2015).

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem quantitativa, desenvolvido na Unidade de Terapia Intensiva de um hospital de ensino público, localizado no estado do Paraná, Brasil. A instituição é referência regional de média e alta complexidade em diversas especialidades, possuindo um total de 210 leitos ativos, de atendimento exclusivo pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

A população do estudo foi composta por 100 profissionais da saúde que desenvolvem suas atividades na Unidade de Terapia Intensiva, sendo estes técnicos/auxiliares de enfermagem, enfermeiros, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, docentes, residentes e acadêmicos, atuantes nos turnos manhã, tarde e noite.

A amostra do estudo constituiu-se por 80 profissionais, sendo estes técnicos/auxiliares de enfermagem 47,5% (n=38), acadêmicos de Enfermagem e estagiários do curso técnico de enfermagem 13,75% (n=11), enfermeiros 11,25% (n=9), médicos 11,25% (n=9), fisioterapeutas 10% (n=8), nutricionistas 2,5% (n=2), docente 1,25% (n=1) e outros da área da saúde que não especificaram sua qualificação 2,5% (n=2). Foram considerados critérios de exclusão, profissionais da saúde afastados do trabalho por motivos de qualquer natureza no período de coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada no período de 21 de junho a 1 de julho de 2016, por meio de um questionário composto por questões baseadas no tipo *Likert* para avaliação da preparação alcoólica para higienização das mãos, com atribuição de pontuação - em uma escala de 1 (totalmente insatisfeito) a 5 (totalmente satisfeito) - referentes à odor, textura, irritação (ardência na pele), efeito de ressecamento, mãos pegajosas após o primeiro uso, facilidade de uso do dispensador, velocidade de secagem e avaliação geral. Além disso, foi questionado: “sua satisfação com o produto alcoólico disponibilizado na unidade interfere na adesão à higienização das mãos?”, composta por três alternativas: não interfere, pouca interferência e muita interferência.

Após a coleta, os dados foram organizados e armazenados em planilhas eletrônicas do *software Microsoft Office Excel*, versão 2010, e posteriormente submetidos à análise descritiva, em medidas e proporção.

Os preceitos éticos referentes à pesquisa envolvendo seres humanos, estabelecidos pela Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde foram respeitados. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer de número 1.447.806, datado de 11 de março de 2016.

3 | RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta a tolerância e aceitação da preparação alcoólica para higienização das mãos pelos participantes do estudo de acordo com as variáveis: odor, textura, irritação (ardência na pele), efeito de ressecamento, mãos pegajosas após o primeiro uso, facilidade de uso do dispensador e velocidade de secagem.

Variáveis	Escala de avaliação									
	1		2		3		4		5	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Odor	7	8,75	6	7,5	15	18,75	26	32,5	26	32,5
Textura	6	7,5	13	16,25	16	20	25	31,25	20	25
Irritação (ardência na pele)	12	15	12	15	11	13,75	17	21,25	28	35
Efeito de ressecamento	29	36,25	12	15	14	17,5	15	18,75	10	12,5
Mãos pegajosas após o primeiro uso	21	26,25	12	15	14	17,5	21	26,25	12	15
Facilidade de uso do dispensador	22	27,5	13	16,25	13	16,25	12	15	20	25
Velocidade de secagem	9	11,25	10	12,5	20	25	22	27,5	19	23,75

Tabela 1 – Avaliação da tolerância e aceitação da preparação alcoólica para higienização das mãos por profissionais da saúde em Unidade de Terapia Intensiva, Brasil, 2016. (n=80)

Fonte: dados de pesquisa

Quanto ao odor transmitido pela solução alcoólica, a maioria dos participantes apresentaram-se muito satisfeitos, atribuindo pontuações de 4 e 5 na escala de avaliação, ambas correspondendo a 32,5% (n=26).

No que se refere à textura e à velocidade de secagem, ganhou destaque a pontuação 4, atribuída por 31,25% (n=25) e 27,5% (n=22) dos participantes, respectivamente. Ademais, para a variável irritação (ardência na pele), 35% (n=28) dos profissionais apresentaram-se muito satisfeitos, atribuindo pontuação 5.

No que se refere à variável mãos pegajosas após o primeiro uso, os participantes apresentaram opiniões divergentes, sendo que 26,25% (n=21) atribuíram pontuação 1 na escala, estando totalmente insatisfeitos com o produto, bem como 26,25% (n=21) demonstraram satisfação com a preparação alcoólica, atribuindo pontuação 4. Ademais, quanto à facilidade de uso do dispensador, a maior parte dos participantes 27,5% (n=22) atribuiu pontuação 1 na escala (totalmente insatisfeito), bem como 25% (n=20), apresentaram-se totalmente satisfeitos.

No que concerne ao efeito de ressecamento, apresentaram-se totalmente insatisfeitos com preparação alcoólica a maior parte dos participantes 36,25% (n=29).

Ao analisar se a satisfação com o produto alcoólico disponibilizado na unidade interfere na adesão à higienização das mãos, a maioria dos participantes assinalou não interferir ou apresentar pouca interferência, 38,75% (n=31) e 33,75% (n=27), respectivamente. Ainda, 25% (n=20) apontou muita interferência. Dentre os participantes, 2,5% (n=2) não assinalaram esta questão.

4 | DISCUSSÃO

De acordo com a OMS, para garantia de uma excelente prática de HM, a forma

mais eficaz de realização é utilizando uma preparação alcoólica que contenha dentre outras características: qualidade, um curto tempo necessário para sua aplicação pelos profissionais de saúde (de 20 a 30 segundos), e uma boa tolerância da pele, que é um dos critérios cruciais para a escolha do produto. Um produto que seja agradável, não provocando efeitos prejudiciais às mãos apresenta importante qualidade na promoção da prática de HM (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2008).

No presente estudo, percebe-se que as pontuações atribuídas pelos participantes apontam para a satisfação com a preparação alcoólica, porém é importante atentar para as variáveis que apresentaram opiniões divergentes em quantitativo muito semelhante (mãos pegajosas após o primeiro uso e facilidade de uso do dispensador). Ainda, para a variável efeito de ressecamento, na qual a maior pontuação foi atribuída direcionando insatisfação.

A possibilidade dos profissionais que fazem uso dos insumos os escolherem é um dos aspectos que contribui para a melhoria de sua aceitação no ambiente laboral (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2008).

A participação de forma ativa dos trabalhadores na avaliação dos produtos constitui-se como importante estratégia de promoção. Valorizar componentes individuais e com relação às preferências dos profissionais pode alavancar seu envolvimento com vistas à qualidade e segurança da assistência, bem como gerar sentimento de satisfação (EZAIAS, et al., 2016).

Em pesquisa realizada com profissionais de enfermagem em hospital geral público na região norte do estado do Paraná, 116 (85,9%) dos participantes apontou haver influência da quantidade e qualidade dos recursos na adesão a prática de HM (Giordani, et al., 2016).

No presente estudo, chama a atenção o fato de os participantes, em sua maioria, apontarem que sua satisfação com a preparação alcoólica disponível para uso não interfere ou apresenta pouca interferência na adesão à prática de HM. Diante disso, vale refletir se nesse cenário estão sendo utilizadas outras estratégias pelos profissionais da saúde que podem não estar satisfeitos com o insumo disponível, como a HM com água e sabonete líquido.

Em estudo realizado com trabalhadores de enfermagem em instituição pública de média complexidade, a autoavaliação da maioria dos participantes quanto à tolerância da pele após a utilização de preparações alcoólicas, por meio das características aparência, avaliada pela presença de vermelhidão e/ou manchas, assim como a aspereza por percepção visual; integridade, analisada com base na presença de fissuras ou abrasões; umidade, julgada pela presença de ressecamento na pele; sensação, avaliada pela presença de ardência, prurido e/ou desconforto e integridade geral da pele das mãos, apresentou-se positiva para todas as variáveis, com percentuais acima de 69%, (EZAIAS, et al., 2016).

Em pesquisa realizada com profissionais da saúde em unidades de internação clínica adulto e pediátrica, e no setor de emergência de um hospital escola de São Paulo,

dentre os fatores que dificultam a realização da HM, encontram-se o ressecamento da pele (15,2%) e a presença de alergia do produto disponibilizado (9,1%) (SANTOS, et al., 2014). Os dados contrastam com o presente estudo no que se refere ao ressecamento da pele, tendo em vista a atribuição maior de pontuações que indicam insatisfação dos participantes, fator que pode ser considerado preocupante, pois pode estar reduzindo a prática de HM com preparação alcoólica na unidade, bem como a sensação de mãos pegajosas após o primeiro uso.

5 | CONCLUSÃO

Por fim, o nível de tolerância e aceitação da preparação alcoólica para higienização das mãos por profissionais da saúde em Unidade de Terapia Intensiva, no geral, foi considerado satisfatório. Esse resultado é importante pelo incentivo ao uso de álcool gel principalmente pela prevenção de infecções, o qual é uma forma segura de prover a rápida assepsia das mãos, tendo maior eficácia ao combate de patógenos. Portanto é considerada uma medida importante para a prevenção de disseminação de infecções hospitalares, a qual deve ser incentivada aos profissionais de saúde assegurando o bem estar de todos. No entanto, merecem atenção as variáveis mãos pegajosas após o primeiro uso e facilidade de uso do dispensador, visto que apresentaram opiniões divergentes em quantitativo bastante semelhante, bem como a variável efeito de ressecamento, na qual a maior pontuação direcionou-se para insatisfação.

O estudo foi relevante para identificar alguns aspectos dos produtos disponibilizados para HM com preparação alcoólica na unidade estudada. Faz-se necessário a realização de mais pesquisas nesta unidade e nos diversos cenários da assistência à saúde que abordem quais outros fatores podem estar influenciando na adesão à HM, tanto relacionadas aos recursos materiais e humanos propriamente ditos, quanto a outros aspectos, de ordem organizacional, profissional e de componentes individuais.

Fica evidente a importância de investimento no processo educativo, pois possibilita o desencadeamento de reflexões sobre o fazer profissional no contexto do SUS, de forma que cada sujeito possa contribuir para a efetivação por meio de ações cotidianas, criativas e inovadoras. A educação permanente é de fundamental importância para o cuidado seguro, considerado como um processo compartilhado coletivamente objetivando um serviço qualificado em saúde.

REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Manual para observadores: estratégia multimodal da OMS para a melhoria da higienização das mãos**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. [Internet] 2008. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/servicos/saude/control/higienizacao_oms/manual_para_observadores-miolo.pdf>. Acesso em: 19 out. 2016

BATHKE, J. A.; CUNICO, P.; MAZIERO, E. C. S.; CAUDURO, F. L. F.; SARQUIS, L. M. M.; CRUZ, E. D. A. **Infraestrutura e adesão à higienização das mãos: desafios à segurança do paciente**. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 34, n. 2, p. 78-85, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v34n2/v34n2a10.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2016

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE/ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Guia para a Implementação da Estratégia Multimodal da OMS para a Melhoria da Higiene das Mãos 2015**. Disponível em: <<http://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/index.php/publicacoes/item/guia-para-a-implementacao-da-estrategia-multimodal-da-oms-para-a-melhoria-da-higiene-das-maos>>. Acesso 20/10/2016.

CALIL, K.; CAVALCANTI, V.; GEILSA, S.; SILVINO, Z. R. **Acciones y/o intervenciones de enfermería para la prevención de infecciones hospitalarias en pacientes gravemente enfermos: una revisión integrativa**. Enfermería Global, v. 13, n. 34, p. 406-424, 2014. Disponível em: <<http://revistas.um.es/eglobal/article/view/156491/160761>>. Acesso em: 20 out. 2016

SANTOS, T. C. R.; Roseira, C. E.; Piai-Morais, T. H.; Figueiredo, R. M. **Higienização das mãos em ambiente hospitalar: uso de indicadores de conformidade**. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 35, n. 1, p. 70-77, 2014. <<http://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/40930>>. Acesso em: 20 out. 2016.

EZAIAS, G. M.; WATANABE, E.; SHIMURA, C. M. N.; GIORDANI, A. T.; SONOBE, H. M.; ANDRADE, D. **Skin tolerance to alcohol-based preparations: basis for improvement of hand hygiene practices**. Journal of Nursing UFPE, v. 10, n. 8, p. 2923-2932, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11361>>. Acesso em: 20 out. 2016.

GARCIA, S. D.; GIL, R. B.; LAUS, A. M.; HADDAD, M. D. C. L.; VANNUCHI, M. T. O.; TALDIVO, M. A. **Material resource management in practice of hand hygiene**. Journal of Nursing UFPE on line, v. 7, n. 5, p. 1342-1348, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11618>>. Acesso em: 20 out. 2016.

GIORDANI, A. T.; Sonobe, H. M.; Ezaias, G. M.; Valério, M. A.; Andrade, D. **Adesão da enfermagem à higienização das mãos segundo os fatores higiênicos de Herzberg**. Revista de enfermagem UFPE on line-ISSN: 1981-8963, v. 10, n. 2, p. 600-607, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10995/12351>>. Acesso em: 21 out. 2016.

PARANÁ (Estado). Secretaria de Saúde do Estado do Paraná. Termo de Adesão. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/ACS/termo_adesao.pdf>. Acesso em: 21 out. 2016.

PARANÁ (Estado). Secretaria de Saúde do Estado do Paraná. Implantação Projeto Mãos Limpas, Paciente seguro. 2013. Disponível em: http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/Manual_de_implantacao.pdf>. Acesso em: 21 out. 2016.

VASCONCELOS, R. O.; ALVES, D. C. I.; FERNANDES, L. M.; OLIVEIRA, J. L. C. **Adhesión a la higiene de las manos por el equipo de enfermería en la unidad de cuidados intensivos**. Enfermería Global, v. 17, n. 2, p. 430-476, 2018. Disponível em: <<http://revistas.um.es/eglobal/article/view/284131>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

DANIELA GASPARDO FOLQUITTO

Coordenadora do curso de farmácia das Faculdades Integradas dos Campos Gerais – CESCAGE. Docente no curso de farmácia nas disciplinas de Botânica, Farmacognosia e Estágio Supervisionado em Análises Clínicas, Bacharel em Farmácia-Bioquímica pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Especialista em Farmácia Hospitalar (IPH-SP) e Especialista em Microbiologia Clínica (PUC-PR) Mestre e Doutoranda em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Possui experiência com o desenvolvimento de pesquisas na área de fitoquímica.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-19-2



9 788585 107192